

Meu Lugar na UFRGS

Lutar para ressignificar

Trajетórias No aniversário de 84 anos da UFRGS, reunimos as histórias de três pessoas que, de diferentes formas, lutaram para que a Universidade se tornasse um lugar mais relevante

Uma universidade pública é composta por alunos, professores e técnicos que, juntos, movimentam a vida universitária para fazê-la como ela é: ativa, dinâmica e diversa. A instituição constantemente se reinventa como lugar de encontro de pessoas, de trocas de ideias, de criação de conhecimentos. Ao mesmo tempo, luta para permanecer como um espaço público, reconhecido e igualitário. Assim, especialmente para celebrar mais um aniversário da UFRGS, apresentamos três pessoas que ocuparam diferentes posições na estrutura acadêmica. Cada uma, em diferentes momentos, com diferentes objetivos, deixou sua marca na memória da Universidade.

Wrana Panizzi, ex-reitora – A valorização da educação como um bem público social é uma luta constante. Essa foi, talvez, a principal causa defendida pela professora Wrana Panizzi enquanto reitora da UFRGS entre 1996 e 2004 – período em que começava, em termos internacionais, um movimento de mercantilização da educação, que apresentava esta como um bem de valor econômico, e não social. “Isso se refletia em um período em que era necessário fazermos valer a instituição. Era preciso trabalhar com um espírito de pertencimento, fazer com que cada um sentisse que nós estávamos aqui não para produzir uma

mercadoria, mas para fazer com que todos pudessem partilhar do que aqui é produzido, bem como da própria produção dessas coisas”, relata a docente.

Esse sentimento de pertencer a uma comunidade foi essencial para a atuação de Wrana como reitora. A professora conta que a responsabilidade de estar no cargo naquele momento se moldou com o apoio da Universidade como um todo. “Eu me sentia pequena, mas ao mesmo tempo a força vinha de alguns espaços. Esse meu lugar enquanto reitora acabou tomando uma configuração a partir da convivência que eu tive com a comunidade universitária. Foi ela que me fez entender o papel de reitora de uma instituição como esta.”

A defesa de uma universidade pública, gratuita e autônoma seguiu sendo a pauta norteadora do trabalho da docente após deixar a reitoria: “Os desafios existem para serem enfrentados. Quanto maior eles forem, mais força você tem. E você precisa acreditar naquilo que faz. Eu acreditava e acredito na Universidade, pois ela é uma instituição, não apenas uma organização ou departamento da estrutura institucional. Ela, sem dúvida alguma, faz parte das fundações que compõem uma nação.”

Maria Conceição Lopes Fontoura, técnica em assuntos educacionais – Do antigo Ins-

tituto de Química Industrial à Faculdade de Educação, a técnica em assuntos educacionais Maria Conceição Lopes Fontoura já passou por inúmeros espaços da Universidade. Há quatro décadas, sua vida acontece aqui dentro, espaço onde encontrou o ponto de união entre a profissão, os estudos e a militância. “A minha relação com a UFRGS envolve o fato de eu ter estudado aqui, de eu trabalhar e militar aqui. Tudo está atravessado.”

Maria Conceição ingressou na UFRGS em 1971 como aluna do curso de Letras e, dois anos depois, foi aprovada em um concurso como Oficial de Administração da Universidade. A defesa pela causa negra sempre foi o norte em sua atuação como aluna e como servidora, trazendo uma importante contribuição para a luta dentro da instituição. Foi, inclusive, a primeira aluna negra da FACED, onde cursou mestrado e doutorado, a tratar do tema da busca de uma educação antirracista que promova a cultura negra nos currículos escolares. Igualmente, resgatou um rico conjunto de informações a respeito do que a UFRGS conhece sobre a demanda da presença de temas ligados à educação étnicorracial.

Em sua atuação como técnica, participou da promoção de atividades, eventos e seminários que trouxessem o movimento negro como pauta para a comu-

nidade acadêmica, dentre eles, a peça *Negro, negrada, negrice*, que apresentava a história das pessoas negras no Rio Grande do Sul aos alunos ingressos de outras partes do país. Defendeu também a implementação do programa de ações afirmativas como uma medida para tornar a Universidade – e, consequentemente, a sociedade como um todo – um ambiente de igualdade.

“Eu me vejo na história da UFRGS como uma pessoa que tem um compromisso com a sociedade em que vive. Tenho que fazer o meu trabalho como servidora e, como aqui é um espaço em que eu posso exercitar a minha militância na busca da construção de uma sociedade melhor, busco fazer esta a minha atribuição”, conclui.

Gabriela Fischer Armani, graduada em Direito – Acompanhar todas as fases públicas dos concursos prestados na Universidade sempre foi uma prática comum entre os alunos da Faculdade de Direito da UFRGS. O exercício, no entanto, desencadeou, em 2014, um movimento que ficou para a história dos alunos do curso e da Universidade: o Ocupa Castelinho, como é conhecido o prédio que abriga o curso.

Ao verificarem irregularidades em um concurso, os alunos reivindicaram a anulação da prova através de um movimento que du-

rou seis meses de manifestações e pedidos de escuta sem retorno, resultando na ocupação da Faculdade de Direito. Para a advogada Gabriela Fischer Armani, que na época participou do movimento como estudante de Direito e presidente do Centro Acadêmico André da Rocha (CAAR), a marca da ocupação foi o movimento de quebra institucional dentro do Direito. “É uma coisa muito forte a ideia de que se podem fazer manifestações e discussões para além das vias formais. A ocupação representou o momento de os alunos se colocarem em um lugar não institucional, porque a faculdade é um ambiente muito institucional em que se aprende a lidar com mecanismos institucionais”, relata.

Para Gabriela, o que define a ocupação foi a tentativa de “desencastelar” o Direito, “tirar ele de um pedestal e trazer para a aplicabilidade na vida das pessoas”, explica. “O movimento representou a visibilização de uma esfera de fiscalização extraoficial, que eram os alunos. Foi importante nesse sentido escutar a voz do aluno enquanto alguém que não integra a Universidade só para a sua formação, mas de fato como parte da administração.”

Isabel Linck Gomes,
estudante do 4.º semestre de
jornalismo na UFRGS



Os relatos de Wrana Panizzi (E), Maria Conceição Lopes Fontoura (centro) e Gabriela Fischer Armani (D) somam-se aos de muitos outros na história da Universidade

Você tem o seu lugar na UFRGS? Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local